

Tantos percursos ainda ficarão por fazer –  
– pelas terras, pelas gentes, pela história!...  
Um livro é sempre assim: aperitivo!  
Se este o for,  
a aguçar appetite  
para mais atentos olhares...  
darei por atingido  
o objectivo fixado.

*José d'Encarnação*

Cascais, Paisagem com Pessoas dentro • JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

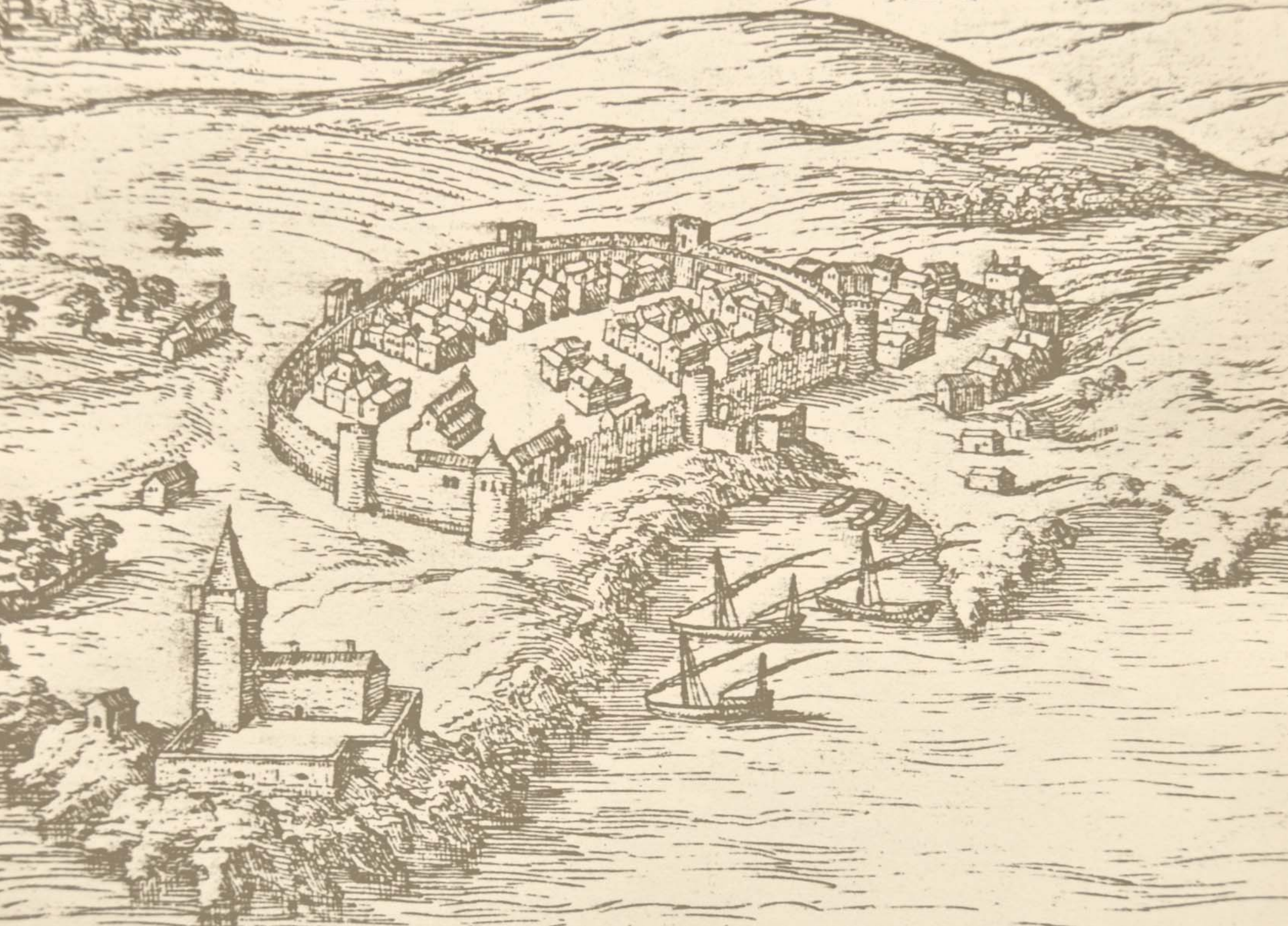
*Cascais*

Paisagem com Pessoas dentro

Patrocínios:



Associa o Cultural de Cascais



*Cascais*

Paisagem com Pessoas dentro

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

**Título:** Cascais, paisagem com pessoas dentro  
**Autor:** José d'Encarnação  
**Capa:** José Luís Madeira  
**Design Gráfico:** José Luís Madeira e Filipe Madeira  
**Paginação:** Filipe Madeira  
**Fotografia:** Guilherme Cardoso  
**Edição:** Associação Cultural de Cascais

**Depósito Legal:**

**ISBN:** 978-972-9406-48-5

**Impressão:**

**Tiragem:**

**Apoios:**

Câmara Municipal de Cascais  
Junta de Freguesia de Alcabideche  
Junta de Freguesia de Cascais  
Junta de Freguesia do Estoril

*Biblioteca Nacional - Catalogação na Publicação*

Encarnação, José d', 1944-

Cascais, Paisagem com Pessoas dentro

**ISBN** 978-972-9406-48-5

**CDU** 908



Paisagem com Pessoas dentro

ASSOCIAÇÃO CULTURAL DE CASCAIS

**Para os meus netos**

Catarina

Maria

Marco

Joana

## APRESENTAÇÃO

Gosto dos livros que são escritos para os Cascalenses. Livros que evocam uma história amalhada ao longo de muitas conversas e de muito tempo, que existe apenas nas vidas de uma geração que não esquece. Uma geração que assistiu, ano após ano, ao transformar do território e à diluição de testemunhos singulares, numa miríade de coisas novas, cuja relevância ainda tem que ser ganha.

Gosto de livros que se comentam, recordando pessoas conhecidas; que reatam relações firmes, mas adormecidas de muitos anos. Estes livros são o que queremos entesourar; são livros passíveis de serem estudados e, ao mesmo tempo, criam cenários de espaços, ainda próximos muitas vezes, mas que saíram do nosso quotidiano.

Gosto de livros que não são sombrios sobre o passado. Ganhar de novo o espaço que estas vidas e estas casas merecem nas referências de Cascais, parece ser, mais do que trabalho de arqueólogo ou historiador, um trabalho de regular convívio e admiração pela singularidade daquilo que nos rodeia. Não se regista apenas: habitam-se essas páginas, reconhecem-se as fotografias, relançam-se no nosso olhar com nova dimensão as linhas de alvenaria das igrejas e das casas notáveis, dá-se a justa profundidade a imagens que representam grandes momentos da vida da terra ímpar em que vivemos. Tudo ganha sentido.

Tinha que escrever umas linhas de apresentação sobre esta edição; mas, ao lê-la, perdi logo a necessária objectividade institucional para esse fim.

Tenho os livros do Professor José d'Encarnação todos anotados com nomes que vão surgindo nos comentários familiares ou tirados de outros livros; e, às vezes, junto-lhe uma ou outra fotografia de família cuja estória se entrelaça naquela página. Sublinho coisas que são relevantes para decisões que tenho que defender. Também aponto perdas irreparáveis, para não me esquecer do poder do nosso tempo e das idiosincrasias a ele associadas. Mas, consciente do que li, o sentimento que perdura não é o do dever...

Há um ritmo de passeio neste livro, que quero recuperar.



Ana Clara Justino

Vereadora do Pelouro de Cultura – Câmara Municipal de Cascais

## INTRODUÇÃO

Depois da trilogia *Cascais e os seus Cantinhos* (2002), *Recantos de Cascais* (2007) e *Dos Segredos de Cascais* (2009), colectâneas de alguns dos textos publicados semanalmente na edição de Cascais do *Jornal da Região*, desde 9 de Junho de 1999 até 14 de Setembro de 2005, que o Município e as juntas de freguesia patrocinaram, poderia parecer que nada mais haveria a acrescentar.

Há – que a riqueza histórica e paisagística do concelho não se esgotaram nessas cerca de mil páginas. Quis, pois, a direcção da Associação Cultural de Cascais chamar agora a si o encargo de reunir em livro, com as necessárias adaptações e actualizações, mais alguns textos que tinham ficado de remissa.

Essa, portanto, a intenção deste volume, que vem e não vem na sequência dos anteriores. Vem, porque se procura manter o estilo leve, por vezes coloquial, no sentido de aliciar o leitor a ver melhor e a apreciar o que o rodeia. Não vem, porque se adoptou nova linha tipográfica, sem o espartilho, por exemplo, de apenas uma foto ilustrativa – que, assim, também se poderão dar a conhecer alguns dos instantâneos colhidos pela objectiva de Guilherme Cardoso; e porque, ainda que indicando quando os originais foram publicados, se optou por uma sequência que não a cronológica pela qual vieram a lume. Bem sabemos que algumas das frases que surgem se prendem com determinado contexto temporal, determinada política vigente naquele momento; contudo, afigurou-se-me que seria mais lógico, agora, depois da experiência já feita, seguir uma outra direcção.

Peço desculpa ao leitor se privilegio o quadrante ocidental do concelho. É a zona onde sempre vivi e que, por isso, conheço melhor. E cumpre-me explicitar a razão de ser do título: 'paisagem', porque, na verdade, Cascais continua a viver do seu mar, dos seus pinhais e matos, do encanto das suas aldeias; mas «com pessoas dentro», porque, num momento em que a conjuntura internacional em que um cego e feroz capitalismo nos afundou (não foi para isto que houve o Maio de 68 nem a Revolução de Abril, gritamos todos os dias!...), menosprezando cada vez mais as pessoas, porque o Rei tem nome de Finança e não de *Primus inter Pares*, uma Pessoa como os demais cidadãos, é preciso proclamar que, queiram ou não, por detrás das estatísticas, há Pessoas! Humanismo... precisa-se!

Gostaria, pois, de ainda poder publicar mais um livro com os textos em que se dêem a conhecer as ideias das personalidades que entrevistei ao longo de mais de quarenta anos de militante jornalismo local e regional – um percurso de que me orgulho tanto como o da carreira académica que, com a ajuda de muitos, tive a dita de conseguir. Como docente, posso ir transmitindo, diariamente, com entusiasmo, aos meus estudantes o que vou aprendendo; como jornalista, espero poder também continuar a exercer o meu direito de cidadania. E assumo mais estas páginas com esse duplo objectivo.

Vamos partir da vila e do seu castelo e espreitaremos o que foi, a dado passo, o nascimento de uma «vila nova». Entretanto, já que doutros templos falámos em *Dos Segredos de Cascais*, cumpre agora olhar para a Misericórdia, para a igreja da Ressurreição (a velha e a nova) e referir a obra notável de três sacerdotes, José Inácio Roquete, José Maria Loureiro e Moisés da Silva. A imagem da vila muito ficou a dever à acção da Sociedade Propaganda de Cascais, uma das poucas que sobrevive, e as touradas constituíram, até há alguns anos, ponto de encontro dos aficionados da Linha e da Capital.

Mas a acção dos executivos camarários sempre foi dominante, ainda que alguns vultos hajam merecido mais destaque, até na toponímia

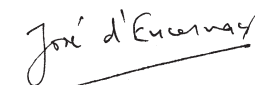
viária, uma das formas que a população tem de perpetuar memórias.<sup>1</sup> Referir-se-á a acção de Costa Pinto, de D. António Castelo Branco e de Vítor Novais Gonçalves. A evocação de Carlos Ribeiro será pretexto para falar de arqueólogos, assim como a de Carlos Bonvalot levar-nos-á ao mundo aliciante dos pintores. E como pintura sem paisagem não vive, espreitaremos o que ainda é típico pelas terras do interior das freguesias de Cascais e de Alcabideche, onde os 'aeromotores' ainda são marcas a reter, e deter-nos-emos em mais uma iniciativa pioneira: a criação de um bairro económico para a população desfavorecida.

Continua sedutora a magnificência do Monte Estoril; o paredão é hoje ponto de encontro obrigatório e, para fazer contraponto com as estranhas aventuras arquitectónicas do século XXI, mostraremos moradia antiga alcandorada sobre o mar.

E a música das ondas impediu-me de concluir sem uma outra evocação de alguém que viveu e trabalhou no concelho de Cascais e cuja memória, recentemente lembrada pelo Teatro Experimental de Cascais, sempre me emociona, ao recordar, por exemplo, a tarde que com ele conversei, em entrevista para o *Jornal da Costa do Sol*: Carlos Paião!

Tantos percursos ainda ficarão por fazer – pelas terras, pelas gentes, pela história!... Um livro é sempre assim: aperitivo! Se este o for, a aguçar apetite para mais atentos olhares... darei por atingido o objectivo fixado.

Cascais, 1 de Junho de 2011



<sup>1</sup> Saúde-se, de novo, a iniciativa de Manuel Eugénio Fernandes da Silva de publicar *Os Nossos Arruamentos – Toponímia na Freguesia de Cascais*, de colaboração com José Ricardo Fialho (Cascais, 2009); iniciativa a que deram mui louvável seguimento: *Toponímia na Freguesia de Estoril – Os Nossos Arruamentos*, Junta de Freguesia do Estoril, 2010. E outras freguesias estão na forja.



## ÍNDICE

Apresentação .....	7
Introdução .....	9
«À porta deste castelo... ..	13
A memória urbanística que a incúria e a ignorância deixaram perder .....	21
Igreja da Misericórdia, um património no largo das utopias .....	29
Igreja da Ressurreição .....	35
José Inácio Roquete .....	47
Dois sacerdotes, dois cidadãos! .....	55
Padre José Maria Loureiro .....	55
Padre Moisés da Silva .....	61
Sociedade Propaganda de Cascais .....	69
A tradição tauromáquica .....	77
Três autarcas singulares .....	85
1. Costa Pinto, um nome para ruas, avenidas e jardim... ..	85
2. Victor de Novais Gonçalves .....	91
3. D. António de Castelo Branco .....	102
De arqueólogos em Cascais .....	107
Carlos Ribeiro .....	107
Afonso do Paço .....	110
Artistas plásticos .....	115
1. Carlos Bonvalot .....	115
2. Bucólico recanto, refúgio de pintores .....	123
3. Francisco Relógio .....	126
Em busca das tradições escondidas... ..	131
Amoreira .....	139
Azenha da Atrozela .....	145
Rotunda José Roquete (Alcabideche) .....	153
Bairro Marechal Carmona (Cascais) .....	161
Monte Estoril – da água, dos verdes, dos chilreios e das polémicas... ..	171
O paredão – a nossa reconciliação com o mar... ..	193
Carlos Paião – evocação sempre cativante!... ..	209

